



UNIVERSIDADE ESTADUAL DA PARAÍBA
CENTRO DE EDUCAÇÃO
DEPARTAMENTO DE LETRAS E ARTES

MARTINS ALVES DE BARROS

**A REPRESENTAÇÃO DE TRABALHO NO CONTO “*PAI CONTRA MÃE*”,
DE MACHADO DE ASSIS**

Campina Grande – PB
2014

MARTINS ALVES DE BARROS

**A REPRESENTAÇÃO DE TRABALHO NO CONTO “PAI CONTRA MÃE”,
DE MACHADO DE ASSIS**

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado em cumprimento às exigências para a obtenção do título de Licenciatura Plena em Letras com Habilitação em Língua Portuguesa, outorgado pela Universidade Estadual da Paraíba – UEPB, sob orientação do Professor Dr. Ricardo Soares da Silva.

É expressamente proibida a comercialização deste documento, tanto na forma impressa como eletrônica. Sua reprodução total ou parcial é permitida exclusivamente para fins acadêmicos e científicos, desde que na reprodução figure a identificação do autor, título, instituição e ano da dissertação.

B277r Barros, Martins Alves de

A representação de trabalho no conto "Pai contra mãe", de Machado de Assis [manuscrito] / Martins Alves de Barros. - 2014.

32 p.

Digitado.

Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em Letras) - Universidade Estadual da Paraíba, Centro de Educação, 2014.

"Orientação: Prof. Dr. Ricardo Soares da Silva, Departamento de Letras".

1. Análise Literária 2. Conto 3. Sociedade Brasileira 4. Escravidão 5. Abolição da Escravatura I. Título.

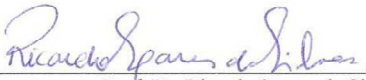
21. ed. CDD 801.95

MARTINS ALVES DE BARROS

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado em cumprimento às exigências para a obtenção do título de Licenciatura Plena em Letras com Habilitação em Língua Portuguesa, outorgado pela Universidade Estadual da Paraíba – UEPB, sob orientação do Professor Dr. Ricardo Soares da Silva.

Aprovado em 28 de julho de 2014

**A REPRESENTAÇÃO DE TRABALHO NO CONTO “PAI CONTA MÃE”,
DE MACHADO DE ASSIS**



Prof. Dr. Ricardo Soares da Silva
Orientador

Nota 9,0



Prof. Dr. Diógenes André Vieira Maciel

Nota 9,0



Prof.ª Dra. Francisca Zuleide Duarte de Souza

Nota 9,0

Média 9,0

Às minhas filhas

Agradecimentos

Agradeço ao Senhor nosso Deus de todo Universo pelo ar de cada dia;

Ao professor Ricardo Soares, por ser orientador e amigo de todas as horas;

Aos Professores, Diógenes Maciel e Zuleide Duarte, por tão gentilmente participarem desta banca;

Aos meus pais: Oscar Bento de Barros e Regina Alves de Barros (in memoriam);

Às minhas filhas: Analu Tátilla Trigueiro Alves, Luana Tábatta Trigueiro Alves Mallu TÁCILLA Trigueiro Alves e Emilly Regina Agliardi Alves, por serem minha esperança renovada;

Aos meus amigos: Auricélio Soares Fernandes, Fábio de Lima Amâncio, Cledivaldo de Sousa Silva, Jozilene Ivete de Oliveira e Márcia Lemos Pinheiro, pela amizade sincera e os dias de mansidão.

...o acaso, e alguma vez o gosto de servir também,
ainda por outra via, davam o impulso
ao homem que se sentia bastante
rijo para pôr ordem à desordem.

Machado de Assis

RESUMO

O presente trabalho tem como objeto a análise do conto “Pai contra Mãe”, de Joaquim Maria Machado de Assis sob uma perspectiva sociocultural, com ênfase na temática “trabalho” apresentada na obra. Para tanto, considera-se importante destacar a organização da sociedade brasileira na passagem do regime escravocrata para o período de abolição da escravatura, no final do século XIX. Assim, os aspectos ideológicos da conjuntura histórica e sua produção de sentidos a partir do posicionamento crítico-social do contista. Observando as diferenças nas relações de trabalho presentes no conto – em face da “imposição” de um novo modelo econômico –, objetiva-se ressaltar o viés da exploração da força de trabalho representada no conto, bem como as consequências provenientes.

Palavras-chave: Representação da escravidão; representação do trabalho; exploração.

ABSTRACT:

This work presents an analysis of the story tale “Pai contra filho”, by Joaquim Maria Machado de Assis. The analysis is performed under a sociocultural perspective and focuses on the theme “work” presented in the story. To this end, it highlights how the Brazilian society was organized in the XIXth century during the transition from slavocracy towards slavery abolition. Also, it emphasizes the ideological aspects of historic juncture and its meaning production from the social critic story-teller viewpoint. Relying on working relations differences in the story faced to the “imposing” new economic model, the objective is to point out the bias of labor force exploitation described in the story as well as the resulting consequences.

Keywords: Slavery representation; work representation; exploitation.

SUMÁRIO

CONSIDERAÇÕES INICIAIS.....	10
1 O CONTO MACHADIANO E A CONJUNTURA HISTÓRICA DE SUA ÉPOCA.....	12
2 A REPRESENTAÇÃO DE TRABALHO NO CONTO “PAI CONTRA MÃE”.....	18
3 A LUTA QUE É DE CLASSES TAMBÉM É GÊNERO.....	25
CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	29
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS.....	32

CONSIDERAÇÕES INICIAIS

São muitos os estudos encontrados sobre as obras do escritor Machado de Assis com o objetivo de analisar os aspectos socioculturais nelas existentes. Seus contos, em particular, constituem um manancial inesgotável de valor crítico, no que concerne aos questionamentos relacionados ao comportamento do ser humano diante do poder político e econômico, sob os quais é condicionado. A obra Machadiana é balizada principalmente pelas diferenças sociais e enfoca constantemente a cultura de ambição e exploração por parte da classe dominante, à medida que figura frustrações e pessimismo através de um sarcasmo crítico direcionado às práticas e costumes da sociedade fluminense do final do século XIX e início do século XX.

Sobre uma sociedade como foi a do Brasil, no início do século XX, Machado de Assis descreve um cenário dramático de perseguição aos negros e injustiça social, a partir de um posicionamento crítico que nos lega um vasto registro histórico daquela época. Em seus contos, com o olhar arguto de quem não pretende desperdiçar oportunidades para aferir a conduta e as manifestações contraditórias dos indivíduos mais abastados do Brasil, o autor permite aos leitores uma perspectiva que reconsidera princípios e valores sociais quando contrastados com as práticas vigentes.

Nesse sentido, o presente trabalho tem como objeto apreciar o conto “Pai contra mãe”, de Machado de Assis, observando como suas características, estrutura, modo de narração e aspectos socioculturais contribuem para uma crítica social das práticas estabelecidas na sociedade da época. Para tanto, destacamos as circunstâncias de construção do conto “Pai contra mãe”, em particular, sua importância crítico-social no contexto histórico e literário, bem como a maneira de Machado discorrer sobre a temática abordada, seu pensamento e concepções acerca do processo de exploração da força de trabalho e de acordo com o modo de produção no período da escravidão no Brasil, no final século XIX.

Pretende-se ainda, verificar como Machado de Assis buscou suscitar um questionamento do comportamento humano, dos valores morais e éticos, em face das limitações motivadas por mudanças radicais no plano econômico e social estabelecidas pela Revolução Industrial, a partir de uma pressão internacional, conforme a força de imposição dessa fase do capitalismo. Em assim sendo, procura-se analisar as

dificuldades enfrentadas pela sociedade retraída com a mão-de-obra industrial impulsionada pelo novo modelo instaurado, bem como verificar as mudanças no comportamento dos indivíduos em consequência das novas formas de relação de trabalho e, ainda, identificar uma relação de convergências de princípio ideológico, suscitando um questionamento acerca da problemática. Assim, propomo-nos estabelecer um elo de sentido, no que se refere ao processo de submissão entre os trabalhadores do mundo de hoje, em relação à época Machadiana, do tempo narrativo de “Pai contra mãe”, atentando para a desvalorização da mão-de-obra operária e, oportunamente, para as contradições existentes entre os indivíduos das classes sociais segregadas. Observamos, inclusive, a relação de desigualdade entre homens e mulheres, entre negros e brancos, registrando-a, ainda, nos dias de hoje.

Para fundamentar nossos estudos, tomam-se como fonte teórica alguns críticos e pesquisadores, não só da obra Machadiana, como dos temas sociais por eles abordados, a exemplo de “sistemas de coação” e “exploração” adotados pelo regime escravocrata. Assim, com o intuito de analisar o conto supracitado, temos apoio no pensamento de base Marxista do filósofo norte americano Marshall Berman, no que se refere à concepção de mundo moderno e novas formas de trabalho e acumulação de capital. Ainda nesse exame, trazemos as explanações de Marilena Chauí (1980), Roberto Schwarz (2000), entre outras contribuições.

1 O CONTO MACHADIANO E A CONJUNTURA HISTÓRICA DE SUA ÉPOCA

Em *Teoria do Conto* (2006), Nádia Battella Gotlib inicia suas argumentações enfatizando as inúmeras tentativas de se definir a própria história do conto, questionando sua concepção própria de narrativa, contrastando-a com o romance, com a novela – seus parentes mais extensos –, bem como ressaltando até que ponto essa comparação é importante para determinar sua especificidade. Sob o signo da convivência, a estória sempre reuniu pessoas que contam e aquelas que ouvem. Em sociedades primitivas, sacerdotes e discípulos dispunham da técnica da narração oral para transmissão dos valores éticos enraizados nessas sociedades, ressaltando mitos e rituais considerados importantes para essas sociedades. Nos nossos tempos, em volta da mesa, à hora das refeições, pessoas trazem notícias, trocam ideias e contam casos. Gotlib (2006, p. 12) observa que:

O contar (do latim *computare*) uma estória, em princípio, oralmente, evolui para o registrar as estórias, por escrito. Mas o contar. Mas o *contar* não é simplesmente um *relatar* acontecimentos ou ações. Pois *relatar* implica que o *acontecimento seja trazido outra vez*, isto é: *re* (outra vez) mais *latum* (traduzido) que vem de *fero* (eu trago). Por vez é trazido outra vez por alguém que ou foi testemunha ou teve notícia do ocorrido.

No conto machadiano “Pai contra mãe”, o contexto social do trabalho é ficcionalmente elaborado para contar uma história de injustiça financeira, social e de gênero, cuja “voz do contador” (GOTLIB, 2006) interfere para conquistar a atenção do leitor, ao mesmo tempo que satiriza a realidade social, como podemos observar Nesse trecho: “*Há meio século, os escravos fugiam com freqüência. Eram muitos, e nem todos gostavam da escravidão. Sucedia ocasionalmente apanharem pancada, e nem todos gostavam de apanhar pancada*”. (ASSIS, 2002, p. 61).

Machado de Assis é um escritor imbuído de seu tempo e de seu país. Como afirma Schwarz (2000, p. 11), na obra machadiana há uma alternância de perspectivas produzidas pelo funcionamento da sociedade brasileira à época e, “com efeito, a prosa narrativa machadiana é das raríssimas que pelo seu mero movimento constituem um espetáculo histórico-social complexo”. Ao falar sobre a especificidade da escrita do

autor carioca, Schwarz diz ainda que Machado transpõe as relações sociais que vivencia para seu estilo literário, compondo sua obra como expressão de uma sociedade real, dividida, injusta e partidária de homens ricos e brancos, na qual a escrava fugida, Arminda, não teria chance alguma de alcançar o mérito da liberdade, porque, na realidade, tratava-se de uma escrava, de uma negra, de uma mulher.

Schwarz (2000, p. 12) diz que “a ousadia de sua forma literária, em que lucidez social, insolência e despistamento vão de par, define-se nos termos drásticos da dominação de classe no Brasil”. Assim, o sarcasmo é um artifício artístico usado por Machado para falar das particularidades da “sociedade brasileira, escravagista e burguesa” de seu tempo.

O narrador machadiano sempre “invade a cena”, considerando-a, como no trecho a seguir:

A natureza ia andando, o feto crescia, até fazer-se pesado à mãe, antes de nascer. Chegou o oitavo mês de angústias e necessidades, menos ainda que o nono, cuja narração dispense também. Melhor é dizer somente os seus efeitos. Não podiam ser mais amargos. (ASSIS, 2002, p. 66).

Ao dizer que dispensa escrever, relatar alguns fatos, o narrador demonstra fastio, abuso como aquela história ou simplesmente se compadece do casal, dispensando contar suas penúrias, concentrando-se nos efeitos.

No entanto, o narrador não deixa passar despercebida a ironia, pois quando tia Mônica sugere colocar a criança na roda dos enjeitados, ele diz que lhe custa escrever o conselho, quanto custa ao pai ouvi-lo. O narrador observa que nem todos os escravos gostavam de apanhar pancadas e afirma: “pegar escravos fugidos era um ofício do tempo. Não seria nobre, mas por ser instrumento da força com que se mantêm a lei e a propriedade, trazia essa outra nobreza implícita das ações reivindicadoras”. (ASSIS, 2002, p. 62). Agora é ambíguo, sem muita credibilidade ao partilhar o sentimento de horror com o leitor.

Assim, a ironia presente no conto “Pai contra mãe” aparece como uma forma de composição da narrativa machadiana e como “estilização de uma conduta própria à classe dominante brasileira” (SCHWARZ, 2000, p. 18).

A posição social, que os personagens assumem no conto, não é neutra. Todos carregam consigo uma dimensão de poder, que se reafirma na narrativa, em suas decisões. O processo de formação ideológica não se furta de seus interesses particulares e, por isso mesmo, dá-se em nome de uma “posição egoística” em busca da

sobrevivência. Uma representatividade de luta acirrada, não exclusivamente entre um pai e uma mãe, mas, sobretudo, entre duas classes desfavorecidas e estagnadas, considerando seus traços sociais e históricos. Nesse sentido, há um jogo de imagens construídas entre autor e leitor que favorece o entendimento dos aspectos internos do conto e que mexem com a subjetividade de cada um em relação ao tema explorado. Essa formação imaginária se constrói nos indivíduos e diz respeito à concepção e ao ponto de vista das personagens.

No que se refere às histórias das ideias contidas em suas obras, Machado de Assis, de um modo geral, vislumbra, no perfil de seus personagens, o problema do “trabalho” numa perspectiva sociocultural e humanística, assim produz uma análise crítico-social aprofundada da alma do homem dentro de uma concepção real. O questionamento acerca da realidade de cada indivíduo, suas verdades e suas fraquezas mediante processo de transformações sociais, que semeiam a busca incessante do homem por sua sobrevivência, dão-se nas narrativas do conto Machadiano, “Pai contra mãe”, como elemento de sustentação predominante: no pensamento descrente, de “um mestre na periferia do capitalismo”, como bem salienta Schuarz (2000).

Machado, não em contrário, alude às perspectivas de um novo movimento social, que certamente não vingaria em seu propósito, por já de início ressaltar as injustiças da desigualdade social patentes, que se ratificaram no perfil de homens e mulheres da sociedade, que jamais prosperariam. Uma ideia inválida de renovação, trazida por um sistema de corrosão social, que se prevalece a partir das relações de poder entre os detentores de propriedades e do poder sobre os explorados e subservientes ao *status quo*.

Os princípios que norteiam o pensamento de Machado de Assis os revelam como homem que soube superar os desafios de sua época, apesar de sua origem desprivilegiada. Ousado, Machado abre a mente para o mundo e fala deste, como de si, de seus problemas, de seu país. De forma universal, sua concepção de mundo o faz navegar em fontes próximas de seu cotidiano, ao tempo que não perde a noção de sua época e de seu lugar no mundo, colhendo do conhecimento de mundo suas experiências vividas. Cético, não pessimista, prefere desconstruir o discurso pautado em hipocrisias, que tenta sustentar uma nova forma de economia que não se sustentaria sem os princípios fundamentais de valorização humana.

Essa característica que identifica a obra de Machado de Assis se reitera até os dias de hoje nos eventos da vida cotidiana dos indivíduos, enquanto seres sociais. Seria prudente estabelecer seu perfil com base em sua própria vivência e experiências no dia-a-dia. Machado de Assis revelou-se à frente da sociedade e da cultura de seu tempo. Ao falar dos problemas sociais que se instalavam no Brasil do século XIX, com a inserção de uma nova ordem econômica, baseada na nova forma de produção estabelecida pelo capitalismo, à época, que surge com a Revolução Industrial, insurgida no Velho Mundo. Machado assistiu à passagem de modelo de Governo Monárquico ao Republicano sem se aborrecer ou se entusiasmar com nenhum.

Uma realidade que nos fornece um ambiente de construção crítica, através do qual nos permite identificar ideias contidas no texto e as diversas vozes nele representadas, tais como: o posicionamento do próprio autor em relação aos fatos. Em *Pai contra mãe*, percebe-se a polêmica sobre os problemas da escravidão que não se dera por fim em 1888, com a abolição da escravatura a partir da assinatura da Lei Áurea.

Schwarz (2000) diz que, enquanto escritor, Machado dá início a uma revolução formal em sua escritura, a partir de um ponto de vista, em que passa a se identificar como sujeito parcial nas criações de seus personagens. Machado se apropria de sua criação de maneira contundente e persuasiva, mexendo com o senso crítico de seus leitores, fazendo-os conhecedores de uma realidade social e política.

De acordo com Trigo (2001, p. 67), a vida de Machado se integra ao seu ambiente de vida e suas experiências pessoais. Seu meio, seu lugar de observação, a ascensão de uma classe em detrimento de outra, uma nova maneira de afirmação construída pela exploração.

A vida e a obra de Machado de Assis se entrelaçaram intimamente com o crescimento e consolidação de uma nova classe social no Brasil em transição: a burguesia. À medida em que o país se reestruturava economicamente, esta classe se ligava ao capital internacional e ascendia ao topo da pirâmide social, anteriormente ocupado pela aristocracia rural. E, com a abolição, todo o sistema político, econômico e social que se apoiava no trabalho escravo perdia seu principal alicerce, o trabalho servil. Nascia, definitivamente, um novo modelo de sociedade, como novas atividades econômicas, novos valores, novos padrões de conduta.

Como bem observa Trigo, quando do nascimento de Machado de Assis, os negros eram tratados como verdadeiras mercadorias, bichos transportados em porões de navios, sem luz, ar, sem a mínima higiene; quando de sua morte, já se estabeleciam

como cidadãos livres. Trigo lembra ainda que o próprio escritor passa de uma classe para outra, “de filho mestiço de agregados humildes a burguês bem-sucedido”, além de “acompanhar” uma metamorfose social, pois, Machado de Assis assiste à Revolução Industrial, a burguesia ganhar espaço no cenário político, “novas formas de acumulação capitalista”, como *Viajante Imóvel* (Luciano Trigo, 2000), sem nunca ter sequer saído do Rio de Janeiro.

No entanto, no decorrer da história e da cultura de submissão empreendida pelo Brasil “pós-escravatura”, isso não se determinaria como um fato que viria a descaracterizar uma nação desprendida do preconceito e da segregação racial. Ainda em vida, Machado não considerava essa concepção de mundo ideal. Não cometia equívoco em assim pensar, não assistia a uma transformação dos princípios morais ou de conduta ética, mas uma adaptação de um novo modo de viver, em função de uma necessidade de sobrevivência explícita.

A verve e o olhar aguçado de Machado de Assis fazem da obra dele um inestimável apanhado da transição do Segundo Reinado aos primeiros anos da República no Rio de Janeiro. Irônico e sagaz o autor de “Pai contra mãe”, capta o surgimento que deu uma nova dinâmica social sem alterar o quadro das desigualdades. Logo no início do conto, o narrador machadiano diz que: “a escravidão levou consigo ofícios e aparelhos, como terá sucedido a outras instituições sociais” (ASSIS, 2002, p. 61). Ele se refere às mudanças sociais que culminaram com a Abolição da escravidão, ocorrida em 1888, e a partir da Proclamação da República em 1889. Esses acontecimentos marcam uma “mudança da mentalidade quanto ao comportamento dos senhores em relação aos escravos” (TRIGO, 2001, p. 70).

Cândido Neves, “a pessoa a quem se liga a história de uma fuga” (ASSIS, 2002, p. 62), é o próprio retrato de uma desordem financeira e social. Ele não permanecia muito tempo em um emprego, estava sempre em busca de algo novo: “não agüentava emprego nem ofício, carecia de estabilidade; é o que ele chamava caiporismo”.

Outro aspecto importante na obra machadiana é o espaço narrativo, como bem mostra Trigo (2001, p.79).

Embora diversos críticos tenham afirmado que falta a Machado de Assis o “gosto pela paisagem” – talvez saudosos dos excessos descritivos do romantismo –, os personagens do escritor estão sempre integrados à paisagem urbana: os saraus, os namoros, as velhas ruas. Não há nada mais enganoso na interpretação da obra de Machado, portanto, do que a idéia, fixada por certa corrente da crítica, de que aquilo que sobra do escritor em

dom para análise psicológica lhe falta em talento descritivo e integração com o seu ambiente, com sua terra e sua gente – idéia que a simples idéia dos textos de Machado de Assis desmente.

Na verdade, Machado foi um dos escritores que mais enfatizou as paisagens de seu tempo e de sua própria história. Características marcantes de suas obras são, indubitavelmente, as descrições dos ambientes de significado contextual, que muitas vezes protagonizam mais que os próprios personagens, em face de sua imprescindibilidade. No conto ora analisado, a miséria, os becos e as ruas, são elementos importantes no universo de sua narrativa; não as praças. Provavelmente, não seriam essas as perspectivas a serem atendidas pelos que, de certo, não apontariam o Rio de Janeiro de tal forma: um Rio sem o *glamour* de cartão-postal. A despeito de considerações menores, a grandiosidade do escritor transformador de idéias, e reconstrutor de conceitos, atinge interesses, até hoje. Machado desfaz com precisão cirúrgica, discursos, e caminhando com a história com a responsabilidade de testemunha a reconstrói na mente de outros. O gênio não atende desejos, não ilustra com fotos ou paisagens, mas, expõe os fatos a serem focalizados à luz de seus atentos observadores.

No conto “Pai contra mãe”, ora analisado, os nomes de ruas que configuram a paisagem carioca como a “Rua e Largo da carioca, Rua do Parto e da Ajuda” servem para integrar personagens a espaços na narração de fatos. Segundo Faoro (2001, p. 217), Machado de Assis projeta seus personagens na cidade, porque na cidade “se situava a mola, o motor e o dinamismo da vida econômica, a visão que pôde apreciar era a visão autêntica do Brasil em atividade”. Assim, é na Rua da Ajuda que Cândido Neves recebe informação sobre a escrava fugida através de um farmacêutico e é lá também que ele deixa o filho para sair em busca da mestiça.

[...] foi então que lhe ocorreu entrar por um dos becos que ligavam aquela à Rua da Ajuda. Chegou ao fim do beco e, indo a dobrar à direita, na direção do Largo da ajuda, viu do lado oposto um vulto de mulher; era a mulata fugida [...] descendo a mulher, desceu ele também; a poucos passos estava a farmácia onde obtivera a informação, que referi acima. Entrou, achou o farmacêutico, pediu-lhe a fineza de guardar a criança por um instante; viria buscá-la sem falta. (ASSIS, 2002, p. 69).

A “ironia” machadiana faz a escrava ser arrastada pela Rua dos Ourives e ser entregue à Rua da Alfândega, onde seu senhor a recebe e paga os cem mil-réis de gratificação prometidos a Cândido.

Na Rua dos Barbonos fica a roda dos enjeitados – um lugar onde se deixavam os filhos desamparados, nas mãos dos religiosos para adoção, dos quais jamais os verdadeiros pais teriam notícias. Entregar um filho na Roda dos Enjeitados, na época, era um procedimento comum. Instaladas nas portas de igrejas e conventos, consistia em cilindros de madeira giratórios, e serviam para que as mães deixassem seus filhos em mãos seguras, sem ser identificadas. Após colocar os bebês no cilindro, tocava-se uma sineta que avisava as freiras e padres, no interior do convento, de que ali estava uma criança abandonada, aí fazia girar a roda, retirando em seguida o bebê ali colocado. A Roda dos Enjeitados perdeu a sua importância e deixou de existir com o advento do Liberalismo em Portugal, na primeira metade do século XIX. No Brasil, por sua vez, vemos no conto machadiano que é para lá que Cândido Neves vai levando o filho, no momento dramático em que encontra Arminda. A mesma rua aparece em outras obras machadiana, a exemplo de *A cartomante*, *Dom Casmurro*, *Memórias póstumas de Brás Cubas*, etc.

Sob o ponto de vista de Raymundo Faoro (2001), os anos em que Machado escreveu sua obra foram ricos em fatos essenciais para a configuração e o entendimento do Brasil atual, como a Guerra do Paraguai, a Abolição da escravatura e a Proclamação da República.

2 A REPRESENTAÇÃO DO TRABALHO NO CONTO “PAI CONTRA MÃE”

Em todas as áreas profissionais, a exigência do indivíduo qualificado é uma regra, seja ela pela real necessidade do ofício ou por mera imposição do mercado competitivo. Em face dessa postura, os cidadãos comuns tentam adaptar-se ao sistema capitalista arquitetado para amearhar as necessidades mínimas de sobrevivência.

No conto *Pai contra mãe*, Cândido Neves que não aguentava permanecer em nenhum trabalho,

Começou por querer aprender tipografia, mas viu cedo que era preciso algum tempo para compor bem, e ainda assim talvez não ganhasse o bastante; foi o que ele disse a si mesmo. O comércio chamou-lhe a atenção, era carreira boa. Com algum esforço entrou de caixeiro para um armarinho. A obrigação, porém, de atender e servir a todos feria-o na corda do orgulho, e ao cabo de

cinco ou seis semanas estava na rua por sua vontade. Fiel de cartório, contínuo de repartição anexa ao ministério do Império, carteiro e outros empregos foram deixados pouco depois de obtidos. (MACHADO DE ASSIS, 2002, p. 69).

Cândido não tem emprego certo e, quando se apaixona por Clara, pensa em aprender o ofício de entalhar com o primo, com quem morava; mas teria aprendido depressa e mal. Logo rejeita esse emprego também! “Pegar escravos fugidos trouxe-lhe um encanto novo. Não obrigava a estar longas horas sentado. Só exigia força, olho vivo, paciência, coragem e um pedaço de corda” (ASSIS, 2002, p. 65).

Com as mudanças sociais, o desemprego aumentava e Cândido Neves começou a enfrentar a competição no campo do trabalho: “como o negócio crescesse, mais de um desempregado pegou em si e numa corda, foi aos jornais, copiou anúncios e deitou-se a caçada” (ASSIS, 2002, p. 65).

Essa realidade que surge com a Revolução Industrial, no curso da história, toma conta do mundo e não foi diferente no Brasil, a despeito do modo de produção escravagista. A necessidade de se estabelecer metas e procedimentos que visem à capacitação dos operários tem sido objeto, ainda hoje, de discussão na sociedade em geral e na comunidade científica em particular. Trata-se de uma temática bastante abordada através de pesquisas e projetos inovadores, que procuram suprir deficiências e injustiças sociais advindas dos conflitos existentes nas relações de trabalho, quer sejam em relação a mudanças nas normas, na legislação, ou mesmo no próprio ambiente de trabalho.

Em vista das necessidades e circunstâncias do momento em que vive o homem dominador do conhecimento e detentor do poder político e econômico, adapta-se a seus costumes e criações, ainda que estes anulem as providências dos demais, assim como ainda é característica do próprio capitalismo nos dias de hoje, adaptando-se às suas próprias crises e aplicando o seu próprio antídoto extraído de seu próprio “veneno especulativo”, beneficiando, em última análise, uma minoria às penas do sacrifício da maioria dos trabalhadores.

Assim, como a competição no trabalho e a escassa oferta de trabalho, “Cândido quisera efetivamente fazer outra coisa, não pela razão do conselho, mas por simples gosto de trocar de ofício; seria um modo de mudar de pele ou de pessoa. O pior é que não achava à mão negócio que aprendesse depressa” (ASSIS, 2002). Em sua

necessidade de prover o lar do qual é chefe, Cândido vivia pelas ruas à procura de escravos fugidos e mais de uma vez acontece de capturar cidadãos livres.

Ainda que assalariados, os cidadãos ditos livres não detêm as condições mínimas de sobrevivência e nem exercem poder de modificação na estrutura-base desse sistema unilateral. Mas, como afirma Machado de Assis (2002, p.61), [...] “a ordem social e humana nem sempre se alcança sem o grotesco, e alguma vez o cruel”.

Na perspectiva temática do conceito de “homem livre, Chauí (1980, p. 15) afirma que sua denominação moderna é determinada em face de duas vertentes, a saber:

[...] uma que caracterizada pelo homem burguês, proprietário privado das condições de trabalho, e há o trabalhador, despojado dessas condições, “liberado” da servidão, mas também dos meios de trabalhar. Ora, visto que o capital não pode acumular-se nem se reproduzir sem a exploração do trabalho, que é sua fonte, é preciso distinguir duas faces do trabalho, embora tidas como igualmente dignas: de um lado, o trabalho como expressão de uma vontade livre e dotada de fins próprios, e, de outro lado, o trabalho como relação da máquina corporal com as máquinas sem a vida, isto é, com as coisas naturais e fabricadas.

A autora esclarece que sob essas duas faces de trabalho se dividem duas classes sociais. Segundo Chauí, o burguês é aquele que “determina os fins”, o que manda, que detêm “o lado livre e espiritual do trabalho”; do outro lado estaria o trabalhador, o homem autômato, que trabalha por necessidade, empreendendo força mecânica, e corpórea para realizá-lo.

A consciência das desigualdades humanas, registradas hoje no Brasil e no mundo, não é o bastante para que se promovam transformações sociais significativas, quando as pessoas que vivem à margem não podem garantir um espaço que lhes possibilitem uma vida com dignidade e condições adequadas. Os direitos fundamentais instituídos democraticamente não têm tido de fato o resultado esperado, pois na prática, o exercício da cidadania esbarra nos interesses dos grandes detentores de capital, que em regra geral, exercem um forte poder de influência nas instituições, limitando suas atribuições e tornando-as ineficazes.

Atualmente, com o avanço tecnológico e a ascensão do mundo globalizado, não só o competitivo mercado de trabalho, mas outros setores da ciência e tecnologia requerem uma melhor capacitação profissional. A cada dia o mundo nos surpreende com seus novos desafios. O avanço das tecnologias e as necessidades do mercado, apesar das transformações e avanços nas relações de trabalho, ainda apresentam um

quadro inaceitável de desigualdade social. O processo de adaptação às novas tecnologias e a dificuldade de acesso a esses novos conhecimentos criam o distanciamento de possibilidades de sustentação, dificultando ao homem a sua própria sobrevivência. Essa situação tem obrigado os profissionais de diversas áreas a investirem na busca de alternativas que possibilitem o seu auto-aprimoramento e o desenvolvimento de suas habilidades. Assim, percebemos já em Machado (ASSIS, 2002, p. 61) a contingência do que hoje está inflacionado – o desemprego:

A escravidão levou consigo ofícios e aparelhos, como terá sucedido a outras instituições sociais. Não cito alguns aparelhos senão por se ligarem a certo ofício. Um deles era o ferro ao pescoço, outro o ferro ao pé; havia também a máscara de folha-de-flandres. A máscara fazia perder o vício da embriaguez aos escravos, por lhes tapar a boca. Tinha só três buracos, dois para ver, um para respirar, e era fechada atrás da cabeça por um cadeado. Com o vício de beber, perdiam a tentação de furtar, porque geralmente era dos vinténs do senhor que eles tiravam com que matar a sede, e aí ficavam dois pecados extintos, e a sobriedade e a honestidade certas. (MACHADO DE ASSIS, 2002, p. 61).

O trecho do conto nos mostra que com a imposição do capitalismo industrial, a escravidão no Brasil tivera, ainda que lentamente, seu processo histórico de encerramento. Com as novas modalidades de trabalho, alguns ofícios saíram de cena. Machado, de início descreve o tipo de trabalho oferecido à época, as ferramentas utilizadas e os objetos artesanais confeccionados em função da realidade social vigente. A despeito disso, é clara a manutenção de um regime autoritário e de exclusão, pela máscara de ferro que limitava os escravos a uma vida de degradação e miséria, para os quais o castigo vigorava como forma de coação, agora pela falta de condição de sustentação e sobrevivência através de um “trabalho honesto”. Se os utensílios e as ferramentas que eram produzidos não tinham seu valor no mercado, com o fim da escravidão, conseqüentemente, as atividades ou mesmo os produtos manufaturados por artesãos passaram à condição de velharias e sua obsolescência transferiu-lhes para os museus.

O sistema já não permitia, por exemplo, a existência de feitos artesanais como os utilizados para castigar os escravos, o ferro no pescoço, a máscara de ferro, as correntes, etc. A própria figura do capitão do mato já não tinha mais importância naquele momento, a não ser, pelos escravos fugitivos ainda não alforriados que se rebelavam pela sua liberdade, como no caso de Arminda. Também, o tráfico clandestino de escravo

ainda perdurava, mas essa força de trabalho cedia espaço a uma nova lógica de trabalho, que exigia mudanças radicais na sociedade brasileira.

Todas as habilidades do pensamento de Marx estão cristalizadas em uma de suas imagens mais candentes, a última que iremos explorar aqui: “A burguesia despiu de seu halo todas as atividades até então honradas e vistas com reverente respeito. Transformou o médico, o advogado, o pregador, o poeta, o homem de ciência em trabalhadores assalariados. (p. 476).” (Bernam, 1986, p.111)

Segundo Berman, para Marx, o halo é o símbolo primordial da experiência religiosa, a experiência de algo sagrado. Essa auréola indescritível embora compreensível e sólida tomada de toda experiência humana desaparece em meio à necessidade de se acumular valores materiais e em busca de manutenção de poderes, o que de certa forma consiste em fatores intrínsecos em função do próprio modelo estatal instituído a partir da reforma econômica mundial motivada principalmente pela reforma Industrial advinda de velho continente. Nesse sentido, os valores mais íntimos e sagrados do ser humanos tornam-se produtos, verdadeiras mercadorias. Marshall Berman nos leva a uma reflexão sobre essa supervalorização do status social, tendo em vista que, ao mesmo tempo em que se propaga uma suposta liberdade, aferida pelo homem moderno, os mesmos homens que atravessam as novas dimensões de progresso, colocam-se em pontos extremos da sociedade, como se um dependessem do outro, o que de fato é uma verdade, não pela harmonia, mas pela garantia da ostentação de uma minoria em detrimento da sustentação mínima à sobrevivência da grande massa.

Berman relata a experiência de Marx em relação ao seu próprio trabalho intelectual ao salientar sobre a tentativa de desnudar a cabeça dos homens de suas relíquias espirituais de homens sobrepostos pelas suas almas supostamente de natureza emancipada. Ainda que se verifique essa tentativa de desmistificação subjetiva, o homem na modernidade se entrelaça no mesmo plano de tentação e, almeja as mesmas coisas, sejam eles, intelectuais ou não. Em relação ao fetichismo das mercadorias, observado nos comentários de Berman referenciando-se à obra “O Capital” de Marx, presume-se tal relevância a uma tendência real de valorização das coisas. Às relações homem e poder, capital e trabalho, já não se vislumbram os conceitos estabelecidos

historicamente pela conduta de caráter de formação do homem, enquanto ser social interativo. Ao homem moderno, em sua conceituação mais primária, sobrelevam-se as condições de conquista e seus atributos perceptíveis, quer sejam físicos ou subjetivos. Previsíveis ou não, os resultados consolidam-se apenas em lucro, resultado de um trabalho, um esforço, uma meta, onde não se amparam os princípios, mas os fins determinantes e determinados pela conveniência de propósitos, razão de se garantir um lugar de destaque em um lugar qualquer da sociedade.

As máscaras de folha-de-flandres já não eram mais utilizadas, embora o grotesco persistisse na forma como se concebia aquela nova ordem social. Contudo, por ter sido realizada de forma gradual a abolição dos escravos no Brasil, o tráfico de escravos, a captura de escravos fugados e mesmo os castigos a eles dispensados perduraram.

Funileiros, quitandeiros, tipógrafos, caixeiros, entalhadores de ofício, fiéis de cartório, contínuos de repartição e carteiros eram profissões correntes à época, tanto quanto pegar escravos fugidos. Evidentemente, apesar de ser um “ofício do tempo”, o caçador de recompensa de escravos fugidos “não seria nobre, mas por ser instrumento de força com que se mantêm a lei e a propriedade, trazia essa outra nobreza implícita das ações reivindicadoras” (ASSIS, 2002, p. 62) acrescenta o narrador em tom irônico. Não demora muito e Cândido, por esse ofício, decide que precisa adquirir recompensa rápida que lhe valha a sobrevivência na pobreza, logo após ter se casado com Clara:

Ninguém se metia em tal ofício por desfastio ou estudo; a pobreza, a necessidade de uma achega, a inaptidão para outros trabalhos, o acaso, e alguma vez o gosto de servir também, ainda por outra via, davam o impulso ao homem que se sentia bastante rijo para pôr ordem à desordem. (ASSIS, 2002, p. 62).

Certamente, nem todos os escravos aceitavam passivamente a situação de miséria e humilhação à qual eram submetidos no dia-a-dia. Todavia, havia os escravos que se rebelavam e se refugiavam, levando consigo além da esperança a sombra de seu perseguidor. Nessa disputa entre liberdade e escravidão, nascia a atividade de caçador de escravos, cuja missão era recuperar escravos fugitivos em troca de recompensas oferecidas pelos seus donos. Daí, por que não reconhecer o surgimento da figura inescrupulosa do intermediário, que convive até hoje em nosso meio vivendo da mera

especulação humana (o Toyotismo e as novas formas de pagamento do trabalho através da terceirização). Um processo que advém do capitalismo e que ultrapassa as barreiras continentais no abuso da especulação da competitividade e na emulação do trabalho terceirizado.

A figura o capitão do mato não diverge dessa relação. No caso do episódio que envolve escravos fugitivos e seus implacáveis perseguidores, o caçador de escravos dá ênfase e cria ambiente para desencadear toda história. O ofício de caçar pessoas, de capturar seres humanos, perpetuava-se em rotina como prática social, através da instituição da recompensa. Para a época, o ofício de caçar escravos fugitivos era uma atividade comum e aprovada. Não havia questionamentos mais contundentes sobre a atividade, tão corriqueira e necessária aos interesses dos donos de escravos que, em grande parte, resistiam às ideias abolicionistas.

Candinho caçava nas ruas da cidade, onde de fato residiam as mazelas do sistema, por ele mesmo criado. A facilidade de capturar escravos fugitivos o levava a também trilhar pelo ofício da exploração, da subserviência ao dinheiro e a submeter os mais fracos às suas brutalidades, tamanha eram a miséria, a fome e a escassez de trabalho remunerado, sobretudo, para os que não tinham manejo das novas exigências do mercado.

Ao casar-se com Clara, o caçador de escravos passa por uma mudança radical em sua vida, pulando de empregos temporários e mal remunerados a outros nas mesmas condições. Ainda assim, a situação piorou sobremaneira com o nascimento de um filho. As dificuldades apresentadas ao casal Candido e Clara levaram o marido à única alternativa de apanhar escravos fugados. Motivado tanto pela concorrência quanto pelo aumento de escravos alforriados, Cândido, passando por grandes dificuldades e privação, escolhe entre os anúncios de recompensa aquele que poderia lhe render a melhor oferta.

Seu filho vem ao mundo dos desiguais, a pobreza do miserável faz com que a insistente e intrometida tia de Clara, sugira a entrega do menino à Roda dos Enjeitados.

3 A LUTA QUE É DE CLASSES TAMBÉM É GÊNERO

Raymundo Faoro (2001, p. 227) diz que os capitalistas na “realidade do Segundo Reinado”, notadamente os donos de terras e escravos, casas de aluguel, etc., são a classe privilegiada. E é essa classe proprietária que “dita a conduta e a moralidade da sociedade que Machado de Assis revela”.

No conto “Pai contra mãe”, a classe abastada é representada pelo dono da escrava fugida, Arminda, e pelo “credor” que vive do aluguel de propriedades.

O credor entrou e recusou sentar-se; deitou os olhos à mobília para ver se daria algo à penhora; achou que pouco. Vinha receber os aluguéis vencidos, não podia esperar mais; se dentro de cinco dias não fosse pago, pô-lo-ia na rua. Não havia trabalhado para regalo dos outros. Ao vê-lo, ninguém diria que era proprietário; mas a palavra supria o que faltava ao gesto, e o pobre Cândido Neves preferiu calar a retorquir. Fez uma inclinação de promessa e súplica ao mesmo tempo. O dono da casa não cedeu mais. (ASSIS, 2002, p. 67)

Nesse sentido, a realidade apresentada pelo narrador machadiano no trecho acima, mostra já uma percepção de mundo conturbado e desigual em razão dos bens econômicos. Faoro (2001, p.24) diz que “relações hierárquicas pesam sobre a classe, que mede tudo pela situação econômica, entrevedo um mundo de grandeza de glória”. Assim, os “novos” modos de vida se impõem a partir do próprio desequilíbrio social. Tal disparidade é percebida através do modo de vida de Cândido Neves, de Clara e da Tia Mônica, em contraponto com o modo de vida do credor, pois a este é “permitido” regalo, já que trabalhou para isso, enquanto a “situação era aguda” para a família de Candinho, pois, sem trabalho e sem dinheiro, “não achavam casa, nem contavam com pessoa que lhes emprestasse alguma; era ir para a rua” (ASSIS, 2002, p. 67).

Essa diferença social, em modo e essência, quando da passagem de sonhos e ideais para sonhos de consumo, reverte-se para os proprietários em acúmulo de riqueza, na perspectiva de manutenção de poder e, por conseguinte, na concepção de “liberdade” baseada nos valores materiais, enquanto que para os trabalhadores essa busca resulta em exclusiva busca de sobrevivência.

“O amor traz sobrescritos” (ASSIS, 2002, p. 62), pois as dificuldades de Cândido Neves começam quando ele se apaixona por Clara. Ele “contava trinta anos, Clara vinte e dois. Ela era órfã, morava com uma tia, Mônica, e cosia com ela”. Ambos

personagens de um livro “que tinha de sair mal composto e pior brochado” (ASSIS, 2002, p. 63). Ao amor, as batatas!

Hoje, não diferentemente dos dias em que se associam os desejos de Candinho, “a vontade de ser” e “o sonho de ter”, os matrimônios ainda representam um dote de grande valor, qual eterno sonho de enriquecimento e manutenção da riqueza e dos privilégios advindos dela. O casamento arrumado garante a qualidade de vida de muitos, quando não a continuidade numa vida de conforto e regalos, quando não o de sua melhora. O que é comum nos dias de hoje, quanto aos casamentos, são os laços “matrimoniais”/empresariais, como a fusão de grandes empresas, bancos, montadoras de automóveis e tantas grandes marcas de multinacionais, inclusive a restrição entre grupos intelectuais ou religiosos, atualmente tornam-se cada vez comuns, ou seja, a nivelção por aquisição e poder, do homem e para o homem, do quanto ele representa enquanto instrumento de ascensão social.

Não cosia tanto que não namorasse o seu pouco, mas os namorados apenas queriam matar o tempo; não tinham outro empenho. Passavam às tardes, olhavam muito para ela, ela para eles, até que a noite a fazia recolher para a costura. O que ela notava é que nenhum deles lhe deixava saudades nem lhe acendia desejos. Talvez soubesse o nome de muitos. Queria casar, naturalmente. Era, como lhe dizia a tia, um pescar de caniço, a ver se peixe pegava, mas o peixe passava de longe; algum que parasse, era só para nadar à roda da isca, mirá-la, cheirá-la, deixá-la e ir a outras. (ASSIS, 2002, p. 63)

Como bem enfatiza Trigo (2001 p. 129), “as casadas flertam, as solteiras e viúvas atacam”. É assim que o autor diz ser o “mercado matrimonial na segunda metade do século XIX”. Ele argumenta ainda que “mercado” é a palavra certa, pois que naquela época o casamento já estava se transformando em negócio. Ao chamar a atenção do leitor para este fato, Trigo cita uma crônica de 1872, escrita por Machado de Assis, quando afirmava que “a maior parte dos casamentos fazem-se independentemente do amor”.

Quando a moça viu Cândido Neves, sentiu que era este o possível marido, o marido verdadeiro e único. O encontro deu-se em um baile; tal foi – para lembrar o primeiro ofício do namorado –, tal foi a página inicial daquele livro, que tinha de sair mal composto e pior brochado. O casamento fez-se onze meses depois, e foi a mais bela festa das relações dos noivos. Amigas de Clara, menos por amizade que por inveja, tentaram arredá-la do passo que ia dar. Não negavam a gentileza do noivo, nem o amor que lhe tinha, nem ainda algumas virtudes; diziam que era dado com demasia a patuscadas. (ASSIS, 2002, p. 63)

Esse caso em particular se dava não por uma característica de uma classe social específica, exceto no caso dos escravos, que sequer tinham a liberdade de aspiração, mas a classe dos homens e mulheres livres e pobres, como no caso de Clara, que queria muito se casar, mas sua idade já preocupava a quem compreendia e condicionava a beleza de uma jovem à sua carta de libertação. Os termos alforria e libertação, se hoje são considerados sinônimos, não coexistiam nessa acepção em virtude das mudanças sociais e transformações dos indivíduos libertos. Revelam-se, entretanto, afinados pela diversidade de significados em função dos interesses de cada um e de suas classes de domínio ou de submissão.

A esposa trabalhava agora com mais vontade, e assim era preciso, uma vez que, além das costuras pagas, tinha de ir fazendo com retalhos o enxoval da criança. À força de pensar nela, vivia já com ela, media-lhe fraldas, cosia-lhe camisas. A porção era escassa, os intervalos longos. Tia Mônica ajudava, é certo, ainda que de má vontade. (ASSIS, 2002, p. 64)

Naquele tempo, o papel da mulher não rompia as portas de sua casa e do âmbito privado. A tradição prevalecia e os afazeres domésticos eram o passatempo de quem esperava a oportunidade de arrumar um casamento promissor.

Porém o escolhido de Clara, Candinho, carrega consigo uma carga de elementos culturalmente peculiares a sua época e, eminentemente ligados aos seus traços de homem simples e de status social limitado. Os escravos já estavam escassos e, cada vez mais, Candinho se desesperava em busca de dinheiro para dar conta das obrigações de casa. Ele tenta de todas as formas uma alternativa que lhe evitasse o pior: entregar o filho na roda dos enjeitados.

O anúncio de um jornal que pagava para quem encontrasse a escrava Arminda viria a ser a salvação dos problemas enfrentados por Candinho. A escrava grávida e “sem chances”, tornara-se presa vulnerável.

Apesar dos gritos, não conseguira se livrar dos punhos dele. Ao entregá-la a seu proprietário, recebeu a sua recompensa merecida. Na época, os jornais tinham uma grande importância como veículo de comunicação, embora não trouxessem fotografias em suas páginas; descreviam, no entanto, com fidelidade, as características das fugas e dos negros fugados, particularmente os que ofereciam recompensas pela captura de escravos considerados mais valiosos, como no caso de Arminda.

A escrava a qual Cândido Neves procura está grávida e as consequências da ação, quando da amarração e do trajeto do arrasto, são drásticas:

O fruto de algum tempo entrou sem vida neste mundo, entre os gemidos da mãe e os gestos de desespero do dono. Cândido Neves viu todo esse espetáculo. Não sabia que horas eram. Quaisquer que fossem, urgia correr à Rua da Ajuda, e foi o que ele fez sem querer conhecer as consequências do desastre. (ASSIS, 2002, p. 70)

De tanto gritar e sofrer, Arminda aborta ali mesmo em frente a seu dono. Candinho volta para casa com seu filho, após tê-lo apanhado onde o havia deixado. Ao voltar para casa, leva consigo a recompensa e o filho, mas não questiona sobre a criança abortada em consequência de suas ações, apenas constata de forma consolada: “Nem todas as crianças vingam!”

Senão pela necessidade, Candinho, ao se sentir ameaçado, sem conhecimento de outros ofícios, e vendo a possibilidade de ter que deixar seu filho na roda dos enjeitados, não deixaria de caçar a escrava Arminda. A possibilidade de compensação financeira passaria a ser seu principal motivo de apreciação e valor. Assumindo todos os riscos, ele foi às últimas consequências para proteger sua família do desamparo. Em uma de suas investidas na captura de escravos, Candinho termina por apanhar ao confundir um escravo livre com um escravo fugado. À época, não eram todos os escravos que continuavam sob a tutela de seus donos. Arminda, grávida, sabia que se voltasse novamente a ficar em poder de seus proprietários senhores, não viveria o prazer de ser mãe.

Arminda caiu no corredor. Ali mesmo o senhor da escrava abriu a carteira e tirou os cem mil-réis de gratificação. Cândido Neves guardou as duas notas de cinquenta mil-réis, enquanto o senhor novamente dizia à escrava que entrasse. No chão, onde jazia, levada do medo e da dor, e após algum tempo de luta a escrava abortou. (MACHADO DE ASSIS, 2002, p. 70)

A postura de Candinho revela uma conduta de ser humano coagido pelas circunstâncias. Em seu mundo de desespero e perdas, naquele momento, se justificara salvar uma vida em detrimento de outra. Torna-se evidente para o leitor a tensão que se coloca entre salvar o próprio filho e entregar Arminda grávida. Tensão colocada na narrativa, mas sequer cogitada por Candinho. Também, o fato de uma criança ser colocada na Roda dos Enjeitados não significava necessariamente o seu “fim”, mas o desligamento definitivo de seus pais.

É importante considerar que não seria a intenção original de Candinho ver a escrava Arminda perder seu filho, mas, ao final, registramos a “retratação” da desgraça humana, através do desespero e das alternativas insanas colocadas como aceitáveis, confortando-se, enfim, com sua própria verdade, porque “Nem todas crianças vingam!”

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Machado de Assis, ao se envolver de forma profunda em sua concepção transformadora, ao demonstrar cumplicidade com os problemas sociais e culturais de seu tempo, não se exime de suas responsabilidades enquanto autor de narrativas ficcionais. Em suas obras, fornece-nos um manancial de conhecimento e posicionamento críticos. O seu legado constitui um arquivo vivo de referências sociais, político-econômicas e culturais, que ensejam especulações até os dias atuais.

Sua forma de perceber o mundo a partir dos horizontes periféricos e retomar essa dimensão para a centralização do poder nos conduz a uma reflexão mais aguda da sociedade fluminense e das relações de poder em face da relação estabelecida entre as classes sociais de sua época.

Machado sempre foi um indivíduo criterioso em relação à formação e idealização de uma sociedade brasileira verdadeiramente igualitária, e é através dessa desconfiança que somos lançados a refletir sobre em que alicerces edificou-se a noção de Progresso implantada nos Dezenove.

Ao enfatizar que o indivíduo pode trocar de roupa sem trocar de pele, Machado ressalta muito bem a máscara social de uma elite que se pensava mais fidalga do que era na realidade. Logo, o “homem”, em sua universalidade, vestia-se para encobrir suas perversões. Em sua apreciação sobre a alma humana, a construção irônica coloca-nos frente uma realidade que mascara seus modos de produção, seus meios de controle social, suas verdades e fraquezas.

Esse tipo de comportamento humano, abordado por Machado de Assis, no conto “Pai contra mãe”, remete aos dias de hoje e se traduz de diversas formas. O mundo competitivo, tal qual o dos caçadores de escravos, é uma característica da vida cotidiana

atualmente colocada. A imposição de um poder arbitrário, no qual os mais abonados submetem os pobres à humilhação e a um grau de submissão desumano ainda hoje é motivo de escândalo em nosso país. O próprio trabalho escravo, exaustivamente exposto no conto, e repreendido juridicamente na Constituição Federal Brasileira, é atualmente alvo de discussão e denúncias.

No Brasil, esse panorama não é diferente e, nesse sentido, não se verifica nenhuma atitude combativa por parte dos países ricos, para o enfrentamento de tamanho descaso. Não há uma aliança de forças em defesa dos seres humanos africanos que enfrentam a miséria nem em outras partes do mundo. E até há, mas são todas medidas paliativas e assistencialistas. Os poderes constituídos não favorecem uma igualdade entre os homens, nem amparam as crianças isoladas do mundo e de suas próprias famílias. Fato que caracteriza inequívoca situação de abandono desses povos condenados à desgraça social. Tal situação, como se percebe, já colocava nos primórdios da fase industrial do capitalismo que se impôs no Brasil, sendo desbastado com sagacidade pelos ardis ficcionais de Machado de Assis.

Os recursos, utilizados pelo autor, peculiares a sua estética de trabalhar o realismo, de forma irônica, crítica, nos permitem questionar sobre o problema da fome e da segregação racial existente ainda no mundo atual. Como podemos perceber a pobreza patente nas ambientações dos espaços e lugares descritos do conto “Pai contra mãe”, tais descrições revelam o convívio e as práticas no cotidiano de uma sociedade que apagou grande parte dessa indignação social de suas laudas oficiais.

Hoje, a exploração de mão-de-obra, infantil ou não, e a exploração sexual de crianças e de adolescentes são fatos ainda a se combater. O tráfico de crianças, a adoção ilegal, a venda de órgãos entre outras atrocidades são provas irrefutáveis de um Progresso que não atingiu a evolução do espírito e, tampouco, a divisão justa de sua riqueza. Pior é saber que, nesses eventos, sobretudo os que envolvem particularmente a criminalidade e a exploração indiscriminada, quase nunca estão envolvidas pessoas pobres e desprovidas de dinheiro e/ou educação. Importante é salientar, por exemplo, apenas para “ilustrar” tais argumentos, que o reconhecimento da empregada doméstica como uma profissional digna de ter uma carteira de trabalho, de ganhar um salário mínimo, trata-se de uma conquista recente e tardia no Brasil. Não por acaso, a maioria dessas empregadas domésticas é constituída de mulheres negras, ou “afro-brasileiras” e

pobres e, ainda assim, não recebem sequer seu devido reconhecimento legal, haja vista que, embora aprovada, a PEC das empregadas domésticas carece de instrução legal.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ASSIS, Machado de. *Pai contra mãe*. In: Machado de Assis: Contos Escolhidos. São Paulo: Martin Claret, 2002. (Coleção a obra-prima de cada autor).

AFONSO, Maria Fernanda. *O conto Moçambicano: escritas pós-coloniais*. Lisboa: Observar Editora, 2000.

BERMAN, Marshall. *Tudo que é sólido desmancha no ar: a aventura da modernidade*. (Tradução: Carlos Felipe Moisés, Ana Maria L. Ioriatti). São Paulo: Companhia das Letras, 1986.

CHAUI, Marilena. *O que é ideologia*. São Paulo: Editora Brasiliense, 1980.

FAORO, Raimundo. *Machado de Assis: A pirâmide e o trapézio*. – 4. ed. rev. – São Paulo: Globo, 2001.

GOTLIB, Nádía. *Teoria do Conto (2006)* Ed. ATICA; Ano de Edição: 2006 – São Paulo

SCHWARZ, Roberto. *Um mestre na periferia do capitalismo: Machado de Assis*. São Paulo: Duas cidades; Ed. 34, 2000. (Coleção Espírito Crítico).

_____. *Ao vencedor as batatas: Forma literária e processo social nos inícios do romance brasileiro*. São Paulo: Duas cidades; Ed. 34, 2000. (Coleção Espírito Crítico)

TRIGO, Luciano. *O viajante imóvel: Machado de Assis e o Rio de Janeiro de seu tempo*. Rio de Janeiro: Record, 2001.